

A PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA NA IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE ELEMENTOS COTIDIANOS DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Ana Paula Aparecida Ferreira Alves
Doutoranda em Geografia - UFPR
anaprenda@hotmail.com

Tanize Tomasi
Mestranda em Geografia - UEPG
mauricioetanize@hotmail.com

Cicilian Luiza Löwen Sahr
Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UEPG e UFPR
Doutora em Geografia pela Universidade de Tübingen (Alemanha)
cicilian@uol.com.br

Resumo

Através da Etnociência, procurou-se avaliar a partir das práticas rotineiras, como uma comunidade quilombola caracteriza - a partir de seu próprio conhecimento - os ambientes naturais que vivencia. Para isto, no período de dois meses alternados, houve plena imersão em uma comunidade localizada no Vale do Ribeira – sul de São Paulo e leste do Paraná. Numa perspectiva etnográfica, etnopedológica, etnobotânica e etnofaunística, foi possível compreender a identificação e caracterização de elementos que compõe os ambientes vivenciados pela comunidade, evidenciando a forte integração desta com a natureza. Observou-se, nas práticas rotineiras, uma aplicação destes conhecimentos, o que configuram oportunidades de adaptação, sobrevivência e sustentabilidade.

Palavras-chave: Etnociência. Quilombola. Sustentabilidade.

ETHNOGRAPHIC PERSPECTIVE ON THE IDENTIFICATION AND CHARACTERIZATION OF ELEMENTS OF A QUILOMBOLA COMMUNITY

Abstract

Through Ethnoscience, we have sought to evaluate - from the routine practices of a Quilombola community - how this particular group see - from his own knowledge - the natural environments that itself experiences. For this, in the period of one month, there was a full immersion in a Quilombola community located in the Ribeira Valley - south of São Paulo and north of Paraná. In ethnographic, Ethnopedology, ethnobotany and Ethnofaunistic perspectives, we had the possibility to understand the identification and characterization of factors that make the environments experienced by the community, highlighting its strong integration with nature. We observed, in the daily practices, the application of such knowledge, which constitutes opportunities for their adaptation, survival and sustainability.

Keyword: Ethnoscience. Quilombola. Sustainability.

Introdução

Reconhecendo a atual ordem mundial no âmbito ecológico, muitas ciências rediscutem o conceito de sustentabilidade, procurando encontrar respostas e soluções para a relação desproporcional entre meio ambiente e produção, onde as fontes de recursos são esgotáveis e os usos e manejos prejudiciais à natureza. Tanto as ciências sociais quanto as ciências naturais redefinem, interdisciplinarmente, as questões que pautam esta discussão. Dentre as mais suscitadas está a relação construída pela sociedade ocidental entre “desenvolvimento sustentável” e “populações tradicionais”. Esta idéia parte do pressuposto simbólico auferido aos grupos e povos que preservam suas relações identitárias, sociais e culturais, fundamentadas no profundo conhecimento dos ecossistemas mantendo, através destes conhecimentos, práticas e ações imprescindíveis para sobrevivência e que são vistas como alternativas no plano de sustentabilidade debatido.

As populações tradicionais são consideradas no contexto político atual, como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais. Possuem formas próprias de organização social, ocupando e usando territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando para tanto, conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007).

Estas populações tradicionais, antes depreciadas sob a justificativa do novo modelo de desenvolvimento econômico surgido a partir de 1964, atualmente são alvos da percepção social sobre o que podem representar perante o novo contexto da política agrária no Brasil. Novas políticas públicas emergem com a intenção do fortalecimento da agricultura familiar e valorização dos grupos específicos como indígenas, quilombolas, faxinalenses, caiçaras, entre outros.

Para o segmento quilombola adotam-se os pressupostos baseados na ressignificação conceitual do mesmo, como uma forma de dissolver a ideia conceitual de que os quilombos são apenas organizações de escravos fugidos que se formaram durante o período que vigorou o sistema escravista no país. Esta ressignificação conceitual vem reformulando o modo de olhar para essas comunidades de acordo com suas formas atuais de manifestações. Neste contexto, Arruti (2006) ressalta três paradigmas: reminiscência; uso comum da terra e etnicidade.

Os três paradigmas propostos por Arruti (2006) representam pontos de fuga, ou seja, uma estratégia de não capturar rótulos em um rol fixo de características de forma a não referenciar os quilombos a um determinado estereótipo culturalista ou historicista, de como

deveriam ser, o que excluiria a maioria dos casos concretos. Assim sendo, deixa-se de lado as reminiscências dos antigos quilombos, como restos de senzalas, monjolos e documentos, e passam-se a dar ênfase as próprias comunidades, sobretudo, as suas organizações sociais. Destaca-se ainda, a capacidade de mobilização, de negar um estigma e de reivindicar seus direitos.

Contudo, o conceito está associado à ideia de uma afirmação de identidade quilombola, que emana da autoatribuição dessas populações e foge, desta forma, de um naturalismo (raça) ou de um historicismo (quilombos históricos). Isso possibilita, na atualidade, novos reenquadramentos das investigações científicas sobre tal grupo, tendo como base uma identidade que não é definida como racial, mas como étnica, independente da cor da pele e origem africana.

Portanto, esta proposta de abordagem étnica das comunidades quilombolas apresenta-se como uma alternativa de vê-las enquanto “(...) grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar”, cuja identidade se define por “uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados” (ABA, 1994, sem p.). Assim, o critério de autodefinição possibilita a comunidade decidir sobre sua sorte, pois “(...) os critérios de pertencimento de seus membros são decididos coletivamente e indicam a filiação ou a exclusão daqueles que são ou não quilombolas”. (LÖWEN SAHR et al., 2010, p. 12).

Essa forma conceitual de abordar os quilombos nos permite analisar o fenômeno a partir de sua manifestação local, definindo-o a partir dos dados da experiência, numa definição empírica implícita, não enumerando elementos característicos para definir o fenômeno, numa definição descritiva explícita.

Logo, a emergência desses novos sujeitos políticos no cenário nacional resultou na criação de políticas públicas específicas, dentre elas as destinadas à agricultura de subsistência praticada pelos povos tradicionais, como os quilombolas. Trata-se de uma tentativa estratégica de estabilização econômica paralela a discussão do desenvolvimento rural sustentável.

Contraditoriamente ao modelo agrícola implantado no Brasil, baseado no latifúndio e no agronegócio, os povos tradicionais mantêm suas atividades produtivas em consonância com seu modo de vida e tradição. Desta forma, resistem à opressão dos agentes externos como fazendeiros, grileiros e empreendedores de diversos ramos, tornando-se atores ativos no processo conflituoso deste grande palco de interesse comum: o território. Tendo em vista o

contraste entre o modelo global e as diferenças locais de um determinado espaço, as relações existentes deste cenário configuram uma dualidade presente em todo o território nacional.

Com base nas considerações expostas, o objetivo deste artigo é tecer uma reflexão sobre a concepção do modelo de desenvolvimento etnosustentado para quilombos. Tais reflexões se estabelecem a partir do exemplo da Comunidade Rural Quilombola de São João, localizada no Vale do Ribeira - sul de São Paulo e leste do Paraná. Esta comunidade, de difícil acesso, vivencia um ambiente com praticamente nenhuma infraestrutura. Esse isolamento espacial proporciona a afirmação de soberania e autorreconhecimento do grupo. Para França (2008, s.p.), tal isolamento “fez com que desenvolvessem [nos quilombos] um estilo de vida peculiar, adaptada aos recursos ambientais existentes.”

“Grounded Theory”, “Hermenêutica Objetiva” e “Descrição Densa” como métodos de investigação

Para a realização desta investigação, permaneceu-se em imersão na comunidade durante dois meses alternados. A primeira imersão se deu em março de 2009 perfazendo um total de vinte e cinco dias em campo, período necessário ao levantamento dos dados primários para subsidiar a elaboração do estudo. A segunda imersão ocorreu em julho do mesmo ano, correspondendo há quinze dias, os quais foram necessários para o aprofundamento de questões julgadas como pendentes.

A metodologia utilizada durante estas fases de imersões na comunidade fundamentou-se, sobretudo, num processo dialógico entre a comunidade e as pesquisadoras. Buscou-se, conjuntamente, sistematizar as informações das práticas cotidianas de identificação e caracterização própria dos quilombolas. Diariamente, todas as atividades e informações coletadas eram sistematizadas individualmente por cada autor do presente trabalho em “Diário de Campo”.

As ideias da “Grounded Theory” de Anselm L. Strauss, da “Hermenêutica Objetiva” de Ulrich Övermann e da “Descrição Densa” de Clifford Geertz foram os métodos e técnicas qualitativas adotadas para o desenvolvimento deste trabalho.

A “Grounded Theory”, distinguida como “Teoria Fundamentada nos Dados” (MAYRING, 2002), tem sua importância pelo caráter indutivo, construída gradativamente, permitindo a construção de conceitos (códigos e construtos) durante o levantamento de dados. Desta forma o levantamento e a análise de dados ocorrem simultaneamente:

No decorrer do levantamento de dados cristaliza-se um referencial teórico, que estará sendo modificado e complementado passo a passo. Quando este satisfaz em termos de clareza e capacidade de afirmação, interrompe-se o levantamento de dados, já que o essencial do trabalho de análise terá sido feito. (LÖWEN SAHR et al., 2010, p. 44-45).

Já a “Hermenêutica Objetiva” de Ulrich Övermann (1979) é adotada como um dos métodos de interpretação de textos, o que permite por meio da análise textual a reconstrução lógica de acontecimentos, levando o objeto estudado a se expressar, de forma reconstrutiva na formação de conceitos. Para Övermann, é preciso buscar na particularidade do objeto estudado uma compreensão esclarecida e crítica da realidade social, do conjunto.

Clifford Geertz (1973) preocupou-se com o fazer etnográfico, apontando para além de uma simples descrição superficial, onde prevalece a técnica. A descrição densa leva em consideração as diversas estruturas conceituais e significativas que moldam as ações humanas. Assim, o que interessa não é apenas a interpretação ou explicação de fatos isolados, mas dos conjuntos que se constroem.

As estratégias de investigação foram embasadas na observação das práticas sociais cotidianas do grupo, para tentar captar os elementos individuais e coletivos de conhecimento sobre o ambiente natural no qual estão inseridos. Tais estratégias foram alicerçadas por inclusões de aproximação participativa com os moradores, ou seja, no acompanhamento e auxílio na realização de práticas cotidianas, isto com a preocupação em observar o ambiente e participar dos eventos sociais que ali se desenrolaram. Além disso, foram utilizadas entrevistas formais e informais, tanto individuais como em grupo, captura visual e audiovisual, além de registro em diário de campo. O material textual foi utilizado na interpretação hermenêutica.

A Etnociência na reconstrução do ambiente natural de um quilombo

A Etnociência, campo interdisciplinar surgido na Antropologia na década de 1950, se baseia no estudo de diversas formas do conhecimento humano. Através dela, é possível avaliar, a partir das práticas rotineiras, como uma comunidade quilombola caracteriza - a partir de seu próprio conhecimento - os ambientes naturais que vivencia e de que forma as atividades de produção agropecuária se articulam (influenciam e/ou são influenciadas) às características do meio ambiente.

Para Sturtevant (1964) a Etnociência abarca uma interdisciplinaridade no estudo das mais diversas formas do conhecimento humano sobre o ambiente em que determinado grupo

se insere. Seu prefixo *etno* se refere ao sistema de conhecimento e cognição típicos de uma dada cultura.

O trabalho etnocientífico é realizado a partir de dois padrões distintos de estudo e avaliação da realidade, bem como da comparação entre eles: a) o êmico, que se baseia na visão do grupo como agente promotor do fato, portanto, que o vivencia; b) o ético, que parte de um valor cultural predefinido pelo observador, portanto, de quem interpreta o fato (ROZO, 2006 s.p.). Com base nesta abordagem, procurou-se avaliar o sistema de conhecimento e cognição de uma comunidade quilombola sobre os ambientes naturais que vivencia, contrapondo-os com a visão de observador externo, ou seja, a das pesquisadoras.

Para Souza e Sanchez (2008), os quilombolas, faxinalenses, caiçaras, entre outros, podem ser considerados comunidades tradicionais diferenciadas pela estrutura social e o modo de organização territorial. Os povos tradicionais possuem um vasto conhecimento sobre o espaço que ocupam além de uma rica cultura, adquirida ao longo de várias gerações. Tais conhecimentos são de extrema importância para as diversas áreas da ciência. Esses povos possuem um profundo e complexo conhecimento sobre a natureza, verificado na forma pela qual pensam, classificam e utilizam seus recursos.

Como uma das principais características da metodologia adotada é valorizar a ótica do sujeito pesquisado, torna-se relevante mostrar como os quilombolas vivenciam e distinguem seu ambiente. Uma das formas que possibilitou perceber como isto ocorre, foi a partir da perspectiva etnográfica. Analisa-se a seguir elementos do conhecimento da comunidade estudada com relação ao ambiente natural que vivencia: relevo, solos, animais e plantas.

O relevo e a hidrografia numa perspectiva etnográfica

A única estrada de acesso à entrada da comunidade não é asfaltada. Nesta entrada existe uma guarita construída pelos moradores. Esta guarita serve de abrigo para a espera do transporte escolar. Ao lado desta, situa-se a porteira das terras de um dos fazendeiros do entorno que cria búfalos. Há cem metros dela encontrava-se até pouco tempo uma ponte pênsil bastante desgastada que servia como principal via de travessia de um lado ao outro do rio Pardo. Este rio representa a divisa entre os estados de São Paulo e Paraná. Atualmente, com a queda da ponte devido às intensas chuvas, a única forma de travessia é através de canoas. Na margem paranaense inicia-se a trilha de acesso a comunidade, aberta na mata pelos próprios moradores. Deste ponto até a primeira casa são percorridos aproximadamente quatro quilômetros em um relevo bastante acidentado com trechos em meio à mata fechada e

campos abertos pelos quais se avistam as grandes serras que ladeiam a comunidade (Fotos 1 e 2). Pelo caminho é possível observar a diversificada vegetação, os córregos e o rio São João que dá nome à localidade.



Fotos 01 e 02 - Aspectos do relevo da Comunidade Quilombola de São João. Autor: ALVES, et al, 2011.

Esta paisagem se estende por todas as trilhas e caminhos do território quilombola. As habitações se localizam dispersas. Para se chegar as mais distantes em que é necessário percorrer até dez quilômetros. Estes pontos são denominados pelos moradores de “sertão”. É comum ouvi-los falar, por exemplo: “hoje o fulano foi pro sertão”, ou “tal pessoa mora lá mais pro sertão”. Nesta expressão já se percebe uma identificação destes com um ambiente rural “distante”.

A comunidade quilombola de São João ocupa uma área bastante dobrada, que abrange parte de três sub-bacias da margem esquerda da bacia hidrográfica do Rio Pardo, que mantém ainda bastante preservada a Mata Atlântica.

Observa-se que os moradores estabelecem pontos de referência do relevo para fins de localização, relacionando-os com os córregos e serras que recebem denominações ligadas a elementos da própria comunidade. Alguns deles são: Córrego da Bica, Serra do Querosene, Morro do Cruzeiro e Ilha dos Cedros. Também distinguem subunidades baseados nas sub-bacias hidrográficas. Desta forma, as terras do rio Pardo, as terras do rio São João, as terras do córrego Feital Grande/Córrego Comprido e as terras do rio dos Veados representam 04 subunidades do relevo (Figura 01).

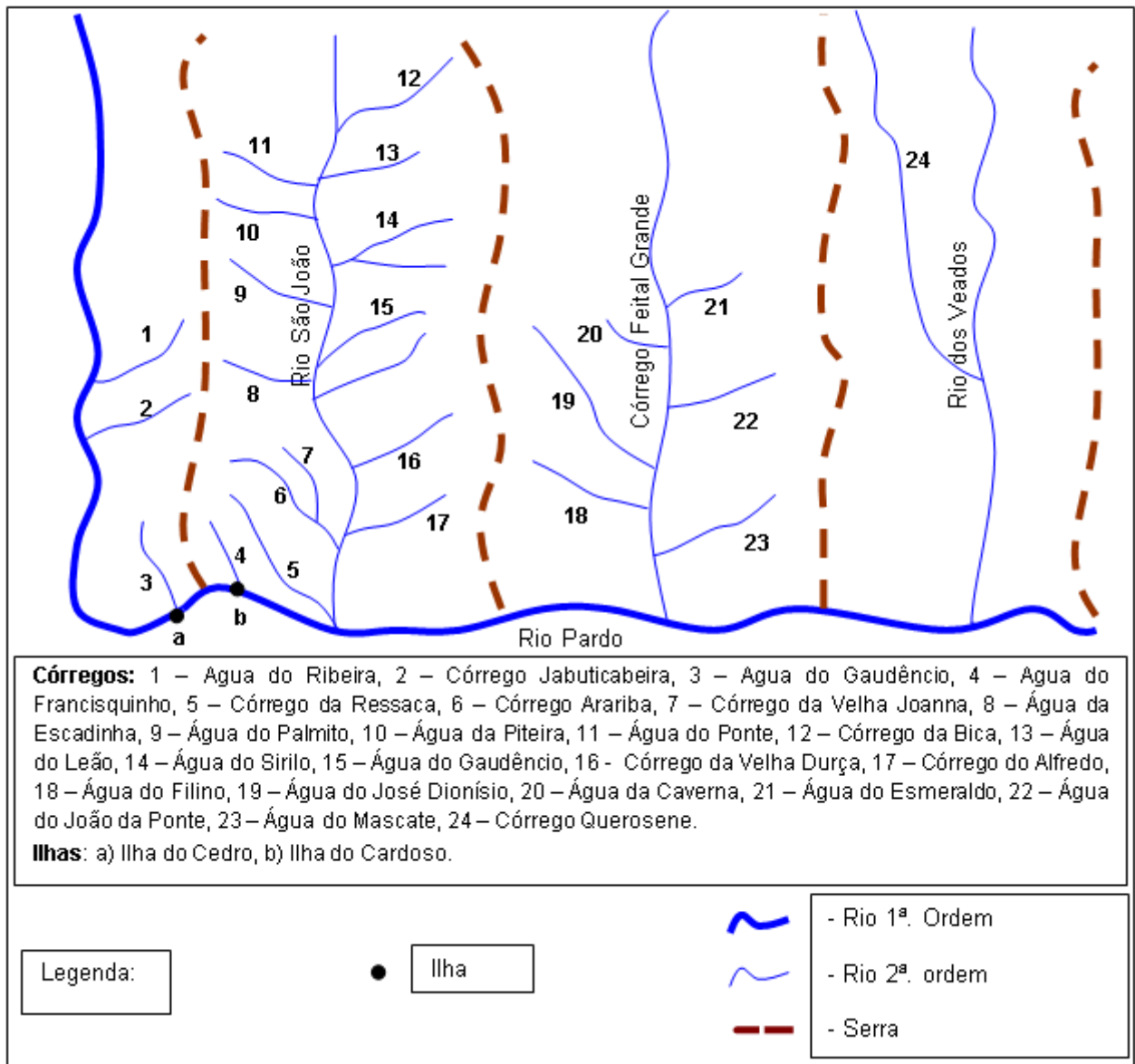


Figura 01 – Relevo e hidrografia – Comunidade Quilombola de São João. Autor: ALVES, et al, 2011.

Conforme os moradores, o nome dos córregos e das águas que cortam as terras historicamente ocupadas pela comunidade de São João, bem como das comunidades vizinhas, são atribuídos em função de:

- Certo indivíduo ou família viver próximo dali, como por exemplo, a “Água do Francisquinho” que é irmão de um morador próximo dali.
- Ficar próximo a algum elemento da natureza como árvores, como é o caso do “Córrego da Jabuticabeira”, ou

- Por motivos específicos do local como o “Córrego da Escadinha”, por ter desníveis em seu curso.

Ainda outras nomenclaturas são atribuídas, mas os moradores já não sabem precisar por qual motivo são denominados de uma forma ou de outra, mas para a maioria deles, é possível achar uma história que justifique sua denominação. O mesmo também ocorre com as nomenclaturas dos elementos referenciais do relevo.

Os moradores adotam elementos referenciais próprios, que se baseia na estrutura organizacional vivenciada por eles e que tem como ponto inicial de referência o sentido “Nordeste - Sudoeste” e não “Norte” como é convencional.

Esta observação aparece descrita no seguinte trecho:

Os elementos referenciais do relevo são utilizados pelos moradores para se referir a suas práticas rotineiras e classificações variadas do território. Esta é uma das maneiras de organizar o conhecimento sobre o território por eles ocupado. A denominação dos locais representa uma maneira que a comunidade tem de identificar e classificar o ambiente, que passa a ser também uma maneira de autoidentificação e autodefinição da própria comunidade enquanto grupo social particular. Assim, na mesma medida em que produz conhecimento sobre a natureza, a comunidade de São João forja de maneira inconsciente, como todos os outros grupos sociais, sua identidade cultural e social. (LÖWEN SAHR et al., 2010, p.118).

O conhecimento local do meio que habitam é também observado nos caminhos e trilhas utilizados em suas práticas cotidianas de trânsito e para estabelecer contato com comunidades vizinhas ou com o mundo urbano. Esta rotina permite-lhes adquirir profundo conhecimento deste ambiente, sendo ordenado e classificado pelos moradores por meio de uma linguagem própria que é por eles compartilhada.

A Etnopedologia na classificação dos solos

A importância do espaço físico e cultural para as populações tradicionais propicia o desenvolvimento de técnicas específicas de uso e manejo dos solos, que buscam o máximo aproveitamento destes enquanto recursos naturais.

A Etnopedologia é uma ciência híbrida que segue a estruturação de diversas outras ciências sociais e naturais, principalmente aquelas relacionadas à ciência do solo, como o levantamento pedológico, a geografia rural, a agronomia e a agroecologia, além da antropologia social. Segundo Alves e Marques (2005), Etnopedologia é o conjunto de estudos interdisciplinares dedicados ao entendimento das interfaces existentes entre os solos, a espécie humana e os outros componentes dos ecossistemas.

A Etnopedologia, segundo Gomes (2008), está relacionada não somente aos conhecimentos que o produtor tem acerca dos solos, mas também dos recursos naturais diretamente ligados a estes, levando em consideração as demais informações sobre a natureza e os valores da cultura e da tradição local.

O quilombo em estudo tem na Mata Atlântica sua principal fonte de recursos, nesta relação íntima e cotidiana entre comunidade e ambiente é que muitos saberes culturais locais foram e são desenvolvidos, sem quaisquer recursos tecnológicos ou assistências profissionalizantes. Os quilombolas desta comunidade têm seu conhecimento pedológico associado as suas práticas agrícolas vinculadas a uma agricultura de subsistência destinada a determinados cultivos, como feijão, arroz, milho, batata doce e mandioca.

Os espaços cultiváveis são escolhidos segundo a melhor fertilidade do solo, observada pelos tipos florísticos presentes em determinados lugares da mata. Um dos exemplos citados por um quilombola da comunidade é a presença do “cipó milhome” na área, classificando-a com um solo de primeira qualidade.

Através da Etnopedologia foi possível identificar uma classificação peculiar das “terras” do quilombo:

- a) Solos classificados como manchas de “barro”, que podem apresentar-se em 05 cores diferenciadas: marrom, amarelo, branco, vermelho e rosa. (Fotos 03 a 07). Estes são utilizados na construção de suas casas de pau-a-pique, proporcionando uma diversificação de cores a estas.
- b) Solos com presença de “pedras” e “pedregulhos” aflorando, classificados, em geral, como “terras ruins”.
- c) Solos pisoteados pelo gado bovino dos fazendeiros, classificados como de difícil regeneração para uso agrícola (roça). Estes se localizam, sobretudo, nos espigões e encostas, necessitando de no mínimo um intervalo de oito anos de descanso para sua recuperação.

A Perspectiva Etnográfica na Identificação e Caracterização de Elementos Cotidianos de uma Comunidade Quilombola

Ana Paula Aparecida Ferreira Alves; Tanize Tomasi; Cicilian Luiza Löwen Sahr

barro marrom



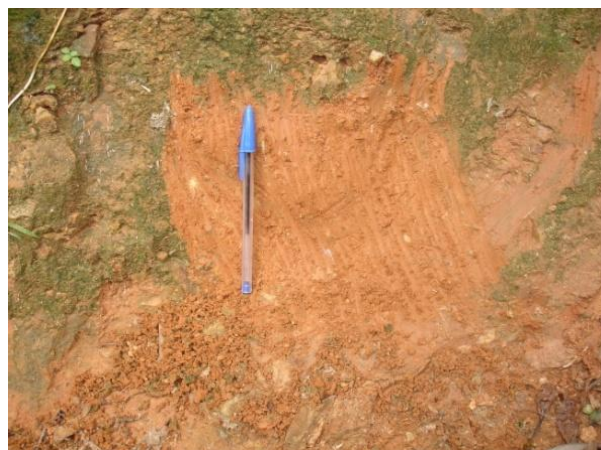
barro amarelo



barro vermelho



barro rosa



barro branco



Fotos 03 a 07 - Tipologia de argila encontrada na Comunidade Quilombola de São João.
Autor: ALVES et al, 2011.

Assim, as práticas agrícolas são desenvolvidas em solos por eles classificados e julgados como de melhor qualidade e com características propícias para obter melhor desenvolvimento das plantas.

O conhecimento dos aspectos físico-naturais constitui a base para o aproveitamento dos recursos existente na comunidade. Nela ainda se desenvolvem técnicas próprias de uso e manejo dos solos, mantendo pouco ou nenhum contato com os órgãos oficiais responsáveis pelas atividades rurais. Confirma-se assim, a afirmação de Gomes (2008, p. 20) de que há um conhecimento pedológico local associado às práticas adotadas por essas comunidades.

A Etnobotânica na reconstrução florística

A Etnobotânica compreende o estudo das plantas e vegetais que compõem os ambientes biologicamente diversificados onde estão inseridas as sociedades humanas. Essas constroem um autoaprendizado com o manejo consciente dos recursos vegetais e apresentam uma forte interação com a vegetação, dispendo-a para uma finalidade utilitária. As técnicas que desenvolvem com as plantas são utilizadas para diversos fins específicos, como a emprego dessas no uso culinário, bem como na prevenção, no tratamento e na cura de distúrbios, disfunções ou doenças do homem e animais.

As informações da comunidade quilombola a respeito das plantas e ervas medicinais, tanto as plantadas como as encontradas junto à mata, são conhecimentos já dominados por seus antepassados e que foram repassados de geração em geração. No passado este conhecimento era utilizado como a única alternativa de combate as enfermidades. Com o tempo seus valores foram sendo adequados à realidade, incorporando novos conhecimentos e novas práticas de uso.

A comunidade quilombola de São João estabelece classes florísticas das plantas e ervas medicinais. Estas são classificadas de acordo com os locais encontrados. Têm-se as plantas da “mata virgem” (Quina Branca, Quina Amarelo, Jatobá, Jambo), as da “capoeira” (Gavirova, Imbauva, Goiabeira) e as “plantadas ao redor da casa” (Confrim, João bolão, Losna, Alecrim, Abacateiro, Laranjeira), cada uma com um determinado uso.

Esta relação da comunidade com a vegetação tem um valor de caráter curativo e erudição local. Este saber apresenta-se em suas práticas sustentáveis, onde há forte equilíbrio com o meio ambiente. Uma das espécies utilizadas no passado para a prática da pesca era o Tucum. Para as construções de pau-a-pique são utilizadas madeiras da “mata virgem”.

Recentemente uma antiga prática – a de cestaria – vem sendo resgatada pela comunidade. Os cestos produzidos, com diferentes tipos de cipós e bambus, são utilizados, sobretudo, para o transporte da colheita. Tal prática vem sendo vista com interesse pelos mais jovens, que a desenvolvem sem necessariamente pensá-la como atividade econômica potencial. Nesse sentido, papel importante pode ser atribuído aos mais idosos no repasse de conhecimentos.

Os Conhecimentos Etnofaunísticos

Para Santos-Fita e Costa-Neto (2007, p. 101) a etnozologia pode ser definida como o estudo transdisciplinar dos pensamentos e percepções (conhecimentos e crenças), dos sentimentos (representações afetivas) e dos comportamentos (atitudes) que intermedeiam as relações entre as populações humanas que os possuem com as espécies de animais dos ecossistemas que as incluem.

Santos-Fita e Costa-Neto (2007, p. 103) apontam que a percepção, identificação e classificação dos elementos faunísticos por parte de uma dada sociedade são influenciadas tanto pelo significado emotivo, quanto pelas atitudes culturalmente construídas direcionadas aos animais. O saber tradicional a respeito dos animais é formado pelo conjunto de valores, conhecimentos e percepções envolventes na relação homem/natureza. Conhecimento este que vem sendo acumulado há muitas gerações pelo convívio direto com a mata e todos os seus componentes.

O reconhecimento da fauna pelos quilombolas da comunidade em estudo é feito a partir da classificação dos animais silvestres em: animais grandes de pêlos (Cachorro do mato, Veado, Cateto, Onça parda), aves (Tangará, Saíra, Bonito-lindo, Tié preto), cobras (Jararaca, Cascavel, Jaracuçu, Urutu), peixes (Taraira, Corimbatá, Rabo-seco, Cadela), insetos (Borrachudo, Bariqui, Malacara, Carrapato), entre outros.

É o olhar das populações tradicionais aos animais que faz com que eles adquiram maiores conhecimentos acerca desses e tenham uma convivência mútua de utilização do espaço de acordo com suas necessidades básicas de sobrevivência, com usos racionais e trocas benéficas com o meio. Isto proporciona gerações de vivência sustentável junto a esse ambiente. Uma jovem quilombola decora as paredes de seu quarto com desenhos de espécies da fauna local (Fotos 08 e 09).



Fotos 08 e 09 - Desenhos da fauna local elaborados por jovem da Comunidade Quilombola de São João. Autor: ALVES *et al*, 2011.

Antigamente a prática da pesca garantia a sobrevivência da comunidade. Hoje, leis ambientais impedem tal prática. A pesca de vara, entretanto, ainda é praticada. Trata-se de uma atividade praticada basicamente pelas mulheres, sobretudo nos horários que antecedem as refeições. Em determinadas épocas se utilizam armadilhas como o “covo”, construído com cipó e bambu.

A Etnociência na reconstrução da dinâmica agropecuária de um Quilombo

Conseqüência do contexto geral vivido pelos quilombolas da comunidade estudada, a produção agropecuária é praticada nos moldes tradicionais, indissociáveis em relação às características locais. Estas características compreendem os aspectos naturais elencados anteriormente e a situação de difícil acesso e impossibilidade no escoamento de mercadorias, produtos e criações. Desta forma, no cotidiano desta comunidade mantém-se uma constante relação equitativa entre subsistência e meio ambiente.

Este tipo de relação existente no quilombo é o que Posey (1997, p.348) chama de “ética ambiental”, desenvolvida pela vivência em ecossistemas específicos e que segundo este autor, enfatizam os seguintes valores e características: a) cooperação; b) laços familiares e comunicação entre gerações, inclusive com ligação aos ancestrais; c) preocupação pelo bem-estar das gerações futuras; d) escala local, auto-suficiência e dependência dos recursos naturais disponíveis localmente; e) contenção da exploração de recursos e respeito à natureza.

A configuração do espaço de produção do quilombo revela os conflitos hoje vivenciados em seu território historicamente ocupado. Existe uma intensa pressão externa

sobre este território, sobretudo por fazendeiros pecuaristas, que cada vez mais invadem os espaços agrícolas desta população expandindo suas criações de gado nelore nas encostas e búfalos no vale. A essa população resta uma estreita faixa, sobretudo às margens dos rios, onde se concentram suas atividades.

A maioria dos povos tradicionais habita florestas ou áreas próximas a estas e dependem largamente de alimentos e recursos provenientes da caça, da coleta ou da extração (POSEY, 1997). Esta é também a situação da Comunidade Quilombola de São João, a caça e a pesca, muitas vezes, é a única saída para se ter ocasionalmente a carne como refeição. Frutos da Floresta Atlântica, como a banana, o mamão, o araçá e a goiaba são coletados e saboreados pelos moradores.

A realidade agropecuária, todavia, apresenta uma dinâmica. Analisamos a seguir: o período em que se distinguem as terras de plantar e as terras de criar, o processo de integração do sistema agrofloresta à agricultura tradicional e as iniciativas para garantir a segurança alimentar do grupo.

Distinção entre Terras de Plantar e Terras de Criar

No passado recente, até a década de 1970, o território desta comunidade quilombola era composto por três grandes criadouros situados nas terras adjacentes dos três rios que o cortam. Delimitando estas áreas a comunidade mantinha uma “cerca deitada”, esta era construída e mantida em sistema de mutirão com galhos de árvores sobrepostos de forma horizontal que tinham aproximadamente um metro e vinte de altura. No seu interior moravam as pessoas e se criavam coletivamente porcos soltos de forma semelhante à utilizada pelas comunidades faxinalenses que ocupam a área da Mata com Araucária (LÖWEN SAHR, 2008). Do outro lado da cerca, nas encostas e espigões, se praticava a roça de forma tradicional, com a coivara, e se plantavam cultivos de subsistência, como o feijão para alimentação humana e milho para a alimentação animal. Nesta fase, o quilombo se inseria na economia regional, abastecendo com porcos as charqueadas.

Atualmente, apenas um morador mantém um cercado com alguns porcos, numa tentativa de manter viva uma tradição que foi se perdendo. Segundo ele, na fase dos criadouros coletivos, chegou a ter mais de sessenta animais seus nas terras de criar da comunidade. As criações na comunidade se reduzem hoje apenas as galinhas, cavalos e jegues. As galinhas, todavia, não resistem às altas temperaturas do período de verão. Os

poucos cavalos e jegues existentes na comunidade são utilizados, sobretudo, para o transporte e para o trabalho.

Em contraste com esta pequena pecuária no espaço quilombola, utilizada apenas para a subsistência, na produção agrícola e deslocamento, no entorno, grandes propriedades pertencentes aos fazendeiros exibem grandes quantidade de bovinos e bufalinos. Estes animais, via de regra, invadem as poucas terras que restam aos quilombolas, danificando seus solos, roças e causando riscos à população. Segundo alguns moradores, os fazendeiros utilizam suas criações na tentativa de amedrontar ou causar represálias aos quilombolas.

A dinâmica no uso da terra: da agricultura tradicional à agrofloresta

A forma de organização social e de produção, baseada nas técnicas e critérios adotados pelos mais antigos, a qual preserva os conhecimentos adquiridos, possibilita ainda nos dias atuais a subsistência do grupo. As famílias possuem pequenas lavouras ou pequenos “roçados” onde são produzidos os alimentos para o sustento da família e das poucas criações.

Na área que compreende o território quilombola vivem dezoito famílias, entre quilombolas e não quilombolas (assentados). Estas famílias têm no cultivo do solo o acesso aos produtos que compõe a base alimentar. A produção segue as formas tradicionais de manejo do solo, inexistindo a utilização de insumos e maquinário agrícola. A escolha das terras para plantar segue a classificação das “terras” (solos) apresentada anteriormente. Aquelas consideradas boas são as localizadas nos vales sob a sombra da vegetação alta raleada. As famílias cultivam apenas nas encostas do vale em que vivem ou em vales mais distantes.

A base alimentar consiste nos cultivos de mandioca, arroz, feijão, batata-doce, milho, amendoim e cará e seguem o regime de chuvas, que determina as melhores épocas para plantio e colheita destes produtos. Conforme os moradores, esta condição segue um ciclo anual representada no Quadro 01.

<u>Alimentos</u>	<u>Tempo da Plantação</u>	<u>Tempo da colheita</u>
Feijão	Agosto a setembro	03 a 04 meses
Feijão da seca	Fevereiro a março	03 meses
Milho	Agosto a dezembro	03 meses
Mandioca	Agosto a outubro	01 ano
Arroz	Agosto a janeiro	03 meses

Banana	Agosto a dezembro	01 ano
Batata Doce	Agosto a dezembro	06 meses
Amendoim	Agosto a outubro	05 meses
Cará	Agosto a outubro	01 ano

Quadro 01 – Calendário agrícola da comunidade quilombola. Fonte: Quilombolas, mar. 2009. Org.: ALVES et al, 2011.

Todavia, uma nova forma de prática agrícola vem sendo implantada nesta comunidade. Dois moradores já desenvolvem o cultivo no sistema de agrofloresta. Este sistema foi iniciado na região do Vale do Ribeira em 1996. Um dos moradores que pratica este sistema diz participar deste projeto por tratar-se de um modelo de manejo sustentável dos recursos naturais que capacita atividades geradoras de renda, como no seu caso, onde esta atividade é a única fonte de renda. A renda é obtida através dos produtos comercializados em feiras orgânicas em Curitiba.

A cooperativa responsável pelo projeto na região, Cooperafloresta, fornece sementes, mudas, ferramentas e defensivos naturais, de acordo com o exigido pelas normas de agricultura orgânica, além de auxiliar no difícil escoamento da produção. No quilombo em estudo, atualmente mescla-se o sistema de roça tradicional com o sistema de cultivo agrofloresta. As plantações de subsistência no sistema agrofloresta são feitas entre a vegetação nativa. Num mesmo espaço são cultivados diferentes produtos, sem uma organização setorial. A roça de floresta não sofre queimadas e as pragas e matos servem para a adubação, sendo algumas plantadas para esta finalidade (“adubo verde”). Suas folhas, sementes e frutos adubam a terra e quando necessário derruba-se também seus galhos para que fertilizem o solo.

Neste grupo organizado pela Cooperafloresta existe o trabalho de mutirão entre os participantes das diversas comunidades que o integram. Quando o serviço na roça está atrasado ou apurado, os demais auxiliam. Existe ainda um sistema de fiscalização, e sempre que um agricultor participante infringe as regras, é expulso do grupo.

Outra atividade inovadora que vem sendo implantada na comunidade quilombola é a horta comunitária, idealizada e incentivada pelo Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) com apoio do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), que há dois anos lançou um edital de fomento a hortas voltadas às populações tradicionais. Enquanto esta pesquisa etnográfica era realizada junto à comunidade o projeto de horta foi iniciado, sendo possível acompanhar os primeiros preparos da área de aproximadamente 25m²

que foi cedida por um dos moradores para o uso coletivo. O material para a preparação da horta já havia sido enviada para o presidente da associação dos moradores da comunidade e estava sendo transportado para o local. Alguns moradores já começavam a plantar as primeiras mudas. Posteriormente, no período da segunda imersão, observou-se o desenvolvimento da horta e a rotina de sua utilização pelos moradores.

“Receitas” para uma segurança alimentar

O hábito alimentar desta comunidade é relativamente variável se considerar que os produtos cultivados são restritos. A proposta de produção de alimentos orgânicos, que começa a ser implantado na região, somada a iniciativa de produção em horta comunitária, apontam para um futuro com consumo de alimentos com maior riqueza nutritiva. Uma alimentação saudável baseia-se no consumo de produtos considerados saudáveis, mas também de produtos com variedade nutricional.

A preparação dos alimentos é uma responsabilidade comumente das mulheres quilombolas, sendo que estas possuem um vasto conhecimento de receitas e modos de preparo baseados nos produtos cultivados na comunidade (Quadro 02). A maioria destas receitas foram passadas de geração a geração, mantendo uma forte tradição. A possibilidade de criação no preparo dos alimentos enriquece a base alimentar das famílias.

Produto	Receitas
Milho	Pamonha cozida, pamonha frita, curao, bolos, milho assado
Arroz	Arroz doce, arroz caseiro
Batata-Doce	Batata-doce cozida
Mandioca	Biju, farinha de mandioca, doce de mandioca, sopa de mandioca, bolo de mandioca
Banana	Virado de banana, doce de banana
Outros	Frango caipira, bolo pingado, cará cozido, ensopado de peixe, doce de abóbora, doce de goiaba, canjica com amendoim, doce de mamão, doce de laranja, paçoca de amendoim, carne na banha, torresmo defumado.

Quadro 02 – Receitas tradicionais na comunidade quilombola. Fonte: Quilombolas, mar. 2009. Org.: ALVES et al, 2011.

Para Neto (2009), as comunidades negras não são subdesenvolvidas tecnologicamente como afirmam alguns, mas exatamente devido a seu isolamento dos grandes centros, preservam uma tecnologia e uma cultura muito própria – os engenhos e moendas em

madeiras, as casas de farinha, fornos de barro, monjolos e pilões. Isto os faz viver em um sistema estruturado e viável com os produtos por eles cultivados.

A partir dos alimentos produzidos, os vínculos históricos e culturais permanecem. Na comunidade, muitos alimentos são preparados tradicionalmente, como o biju de mandioca. A preparação é realizada artesanalmente com instrumentos por eles fabricados. A mandioca colhida é ralada na “casa de farinha”, primeiramente a massa é prensada e depois temperada e assada em forno de barro. A realização do biju é um evento que reúne os moradores e absorve muitas horas do dia para seu feitiço, simbolizando um dos aspectos da cultura imaterial mais presente nesta comunidade em estudo.

Sobrevivendo de suas atividades na terra, num conflituoso cenário de resistência, torna-se cada vez mais importante que esta comunidade mantenha suas qualidades enquanto reafirma sua identidade e cultura, valorizando seu modo de vida, o que lhe proporciona benefícios em simultânea manutenção e preservação do meio ambiente.

Considerações Finais

A ideia de garantir o território às populações tradicionais, através de um processo de regularização fundiária, está associada à de garantir suas características culturais, buscando o que se denomina etnodesenvolvimento. Quilombolas, índios, caranguejeiros, pescadores artesanais, dentre dezenas de outros povos, têm sua sobrevivência relacionada aos recursos naturais – agricultura, especiarias, caça e coleta -, mas igualmente as estruturas sociais que se reproduzem a partir da relação com a natureza – ritos religiosos, processos terapêuticos, simbolismo e organização social (SILVA, 2002, p.4).

O etnodesenvolvimento em uma comunidade tradicional, portanto, refere-se ao desenvolvimento econômico autosustentável dessas comunidades. Assim, se fortalece seu patrimônio cultural e sua identidade étnica, tendo como foco a busca da sobrevivência do homem a longo prazo, com a preservação dos recursos para a manutenção das gerações futuras sobre o mesmo espaço.

Toda a terra utilizada historicamente para garantia da reprodução física, social, econômica e cultural das comunidades tradicionais de remanescentes de quilombos é considerada território quilombola. A “terra” torna-se um capital natural, meio de sobrevivência, de reprodução de vida e da identidade coletiva. O meio ambiente aparece como

recurso para o desenvolvimento de atividades agrícolas, pelo “uso comum” do território, pela sazonalidade dos cultivos, pelo extrativismo e pela ocupação dos espaços de forma extensiva.

As comunidades quilombolas apresentam práticas agrícolas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida, com intensas relações familiares e forte vínculo territorial. Nesta territorialidade tradicional, prevalece o trabalho familiar e comunitário, através da ajuda mútua e de mutirões desenvolvido em épocas em que se necessita de maior força de trabalho.

A articulação entre meio ambiente e produção agropecuária cria agroecossistemas produtivos menos dependentes de recursos externos. Desta forma, a comunidade quilombola, estando baseada em princípios e processos que garantam o equilíbrio de ambos, combinam elementos do conhecimento tradicional.

Em meio a inúmeras buscas por projetos e soluções que amenizem a acelerada crise ecológica, França (2008, s.p.) aponta que “a saga centenária quilombola de resistência contra a discriminação e a injustiça e sua habilidade de habitar em harmonia com o meio ambiente, faz com que o nome quilombola se constitua numa marca promissora no mercado de consumo responsável e solidário, voltado para valores éticos, étnico-culturais e ambientais.” Nesta perspectiva, acredita-se que a articulação entre meio ambiente e produção agropecuária, possa vir a se constituir numa estratégia de garantia destas mesmas condições também para a sociedade de forma mais abrangente.

Referências

ABA – Associação Brasileira de Antropologia. Boletim do grupo de trabalho sobre as comunidades Negras Rurais. **Boletim Informativo NUER**, n.1, 1994.

ALVES A. G. C.; MARQUES J. G. W. **Etnopedologia: uma nova disciplina?** Tópicos em Ciência do Solo 4: 321-34, 2005.

ARRUTI, J. M. **Mocambo: Antropologia e História do processo de formação quilombola.** Bauru/São Paulo: Edusc, 2006. 370 p.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm>. Acesso em: 29 ago. 2010.

COSTA, R. G. A. Os saberes populares da Etnociência no ensino das Ciências Naturais: uma proposta didática para aprendizagem significativa, **Revista Didática Sistemática**, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, v.8, p. 162-172, jul/dez. 2008. Disponível em: <<http://www.redisis.furg.br/edicoes/vol8/art14v8.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

FRANÇA, V. Desenvolvimento Etno Sustentado para Quilombos 1. **Webartigos.com**, maio. 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/6258/1/desenvolvimento-etno-sustentado-para-quilombos-1/pagina1.html>>. Acesso em: 25 abr. 2009.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. 323 p.

GOMES, I. A. **Espacialização dos solos do Faxinal Taquari dos Ribeiros**: Uma abordagem Etnopedológica utilizando Geotecnologias. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia Bacharelado) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

LÖWEN SAHR, C. L. Os “mundos faxinalenses” da floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. **Revista Terra Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 213-226, 2008.

LÖWEN SAHR, C. L. et al. **Relatório Antropológico Final – Comunidade Quilombola de São João, Adrianópolis/PR**. INCRA-PR/UNICENTRO/UEPG. 2010

MONTELES, R.; PINHEIRO, B. U. C. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva Etnobotânica. **Bio Terra - Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Universidade Estadual da Paraíba, UEP, v.7, n. 2, p. 38-48, 2007.

Disponível em: <<http://eduep.uepb.edu.br/rbct/sumarios/pdf/etnobotanica.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

NETO, C. S. Comunidades Tradicionais Negras e Quilombolas do Paraná. Condições de Vida de Produção e Cultura nas Comunidades Tradicionais Negras e Quilombolas do Estado do Paraná. **Spaceblog**, [Curitiba], mar. 2009. Disponível em URL: <<http://quilombosnoparana.spaceblog.com.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2009.

ÖVERMANN, Ulrich et al. Die Methodologie einer “objektiven Hermeneutik” und ihre allgemeine forschungslogische Bedeutung in den Sozialwissenschaften. In: SÖFFNER, H. G. (Org.). **Interpretative Verfahren in den Sozial- und Textwissenschaften**. Stuttgart: Metzler, 1979. p. 352-434.

POSEY, D. A. Exploração da biodiversidade e do conhecimento indígena na América Latina: desafios à soberania e à velha ordem. In: CAVALCANTI, C. **Meio Ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 2.ed. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p.345-368.

POUBEL, R. O. **Hábitos alimentares, nutrição e sustentabilidade**: agroflorestas sucessionais como estratégia na agricultura familiar. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável - Políticas e Gestão Ambiental, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

ROZO, B. Ético e Êmico, Insiders e Outsiders, Nós e Eles... . *A Wetpaint Site*, [São Paulo], ago. 2006. Disponível em:
<http://etnomusicologia.wetpaint.com/page/1.1.%C3%89tico+e+%C3%8Amico,+Insiders+e+Outsiders,+N%C3%B3s+e+Eles....?t=anon>. Acesso em: 25 abr. 2009.

SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, E. M. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozologia. **Revista Biotemas**: Revista do Centro de Biológicas a Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, v.20 n.4, p. 99-110, Dezembro de 2007.

SILVA, R. B. L. **A Etnobotânica de plantas medicinais da comunidade Quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil**. 2002, 172 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia). Programa de Pós-graduação em Agronomia, Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2002. Disponível em:
<http://iepa.ap.gov.br/arquivopdf/etnobotanica_de_plantasmedicinaisdo_Curiau.pdf>. Acesso em 24 abr. 2009.

SOUZA, I; SANCHEZ, C. **Populações tradicionais e a contribuição dos seus saberes para o desenvolvimento das etnociências e para a sustentabilidade**. Universidade Veiga de Almeida - CCBS. Rio de Janeiro, 2008.

STURTEVANT, W. C. Studies in ethnoscience. **American Anthropologist**, 66(3): 99-131, 1964.